

Wicked é político?

Uma análise crítica sobre as relações entre entretenimento e política na obra

Marina Cruz Franzoi Fernandes (Autora)¹

Luís Mauro Sá Martino (Orientador)²

Resumo

Este artigo delinea algumas das relações entre entretenimento e política, tomando como objeto “Wicked: A História Não Contada das Bruxas de Oz” (2016). O objetivo é entender como a obra, como uma mídia de entretenimento, se relaciona com a política, através de uma leitura crítica, focando nas referências e simbolismos políticos e socioculturais de seu enredo. A partir de estudos sobre narrativa e cultura pop, serão analisados o conteúdo do objeto, aspectos de seu contexto histórico e as referências políticas, diretas e indiretas, contidas na trama, destacando suas intersecções com o entretenimento.

Palavras-chave: Wicked; narrativa; entretenimento; política; cultura pop.

Introdução

Este artigo tem como objetivo identificar algumas das relações existentes entre entretenimento e política, através de uma análise crítica de discurso e conteúdo de Wicked: A História Não Contada das Bruxas de Oz. Escolhe-se esta obra como objeto por sua grande influência cultural nas últimas décadas, visto que já foi adaptada para uma peça de teatro na Broadway e replicada em diversos outros países, além de ter sido adaptada também em uma sequência de dois filmes. Ademais, esse produto literário é escolhido como objeto de estudo também pela natureza intrinsecamente política de seu conteúdo, que será analisada mais detalhadamente ao decorrer deste artigo.

Ao longo do enredo de Wicked, é capaz de identificar a presença de um sistema político complexo, desenvolvido através de ferramentas narrativas estruturadas pela composição de mundo e dos personagens pertencentes à terra mágica de Oz. Além disso, também são delineadas

¹Marina Cruz Franzoi Fernandes é estudante do curso de Jornalismo e é pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, CIP, da Faculdade Cáspier Líbero. Email: marina.cruz.ff@gmail.com

² Doutor (a) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de Jornalismo. Email:

questões identitárias e relações de poder distintas entre esses personagens e o sistema político imposto, principalmente quando se analisa o preconceito sofrido por certos indivíduos, como os Animais, o povo da Província Quadling e a própria Elfaba. Tudo isso é abordado na obra junto a elementos mágicos e fantasiosos, entrelaçando o entretenimento e a fantasia à política de uma maneira em que não é possível separá-los. O pesquisador Luis Mauro Sá Martino e a pesquisadora Ângela Cristina Salgueiro Marques discorrem sobre essa relação em sua obra *Política, Cultura Pop & Entretenimento*, de modo em que se encaixa para esta interpretação de *Wicked*.

Nesse sentido, o entretenimento é uma ação política na medida em que está vinculado a representações e transformações de identidades, construções e reconfigurações de visões de mundo de grupos sociais. Mesmo sem estar explicitamente associado a uma causa, o entretenimento não está desligado da sociedade em que é criado, e em algumas situações revela e dialoga com as contradições, anseios, medos e expectativas dessa sociedade. (*Política, Cultura Pop & Entretenimento*, 2022, p. 18)

Ademais, para melhor estudo e análise do conteúdo em *Wicked*, será utilizado como base a obra de Luiz Gonzaga Motta, *Análise Crítica da Narrativa*. Para discursar com mais precisão sobre as ferramentas narrativas na obra, assim como as questões sobre o contexto em que a obra foi escrita e a relação do autor com seu produto, será feita uma análise crítica do enredo de *Wicked*, além de materiais adicionais publicados na internet, e uma entrevista com o autor, publicada em um jornal online australiano chamado *The Age*, em 2008.

Análise crítica da narrativa é o estudo metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as histórias reais ou ficcionais. (*Análise Crítica da Narrativa*, 2016, p. 109)

1. A Estrutura Política de Oz

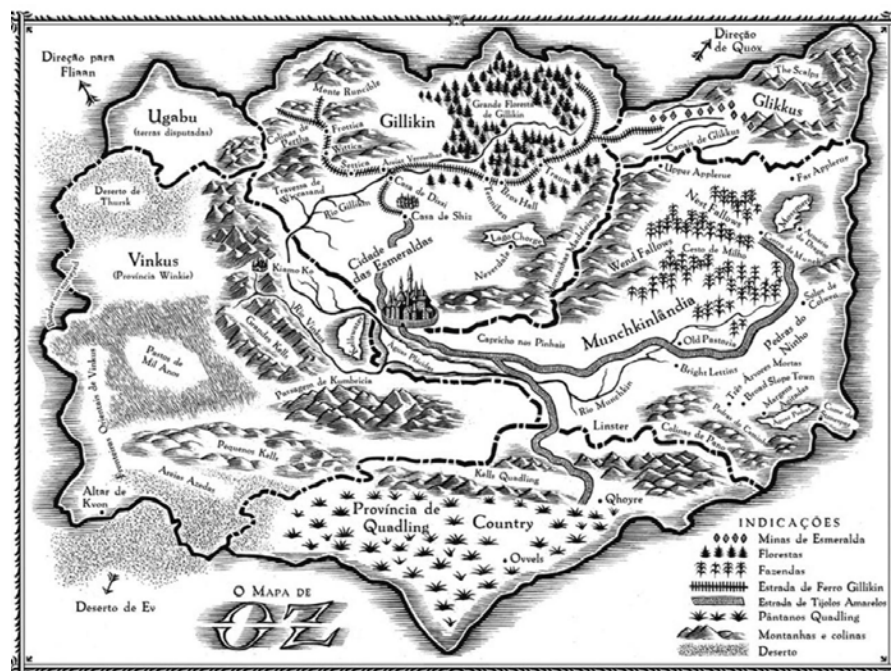
A estrutura política da terra fictícia de Oz aparenta tomar como inspiração alguns regimes do mundo real para se formar, como um mosaico de ideologias políticas. Entretanto, antes de discutir mais a fundo sobre o contexto e conceitos específicos relacionados à política em Oz, faz-se necessário esclarecer, dentre as diversas políticas existentes, qual política será tratada neste artigo. Para isso, será utilizado o conceito apresentado por Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques.

Em geral, falamos que algo é “político”, de maneira bastante ampla, quando nos referimos vagamente a “governo”, a “partidos” ou às pessoas dos políticos. [...] Mas política, de uma maneira mais ampla, também diz respeito às

relações de poder e aos modos de viver de uma pessoa, grupo ou sociedade. “Política”, aqui, não está ligada apenas ao governo ou à administração, mas aos circuitos de poder que existem dentro de cada sociedade e nas interações entre as pessoas, mesmo nas ações cotidianas. [...] A política, aqui, está ligada às diferenças entre os lugares que cada pessoa ocupa na sociedade e sua capacidade de agir com autonomia. (Política, Cultura Pop & Entretenimento, 2022, p. 49).

Portanto, neste artigo, quando for abordado o tema “política” – e será abordado inúmeras vezes, visto que trata-se de um eixo central da discussão – será discutido para além de questões mais “comuns” ao imaginário público, como questões partidárias, legislações e fiscalizações. Quando se fala em política, serão abordados temas que englobam questões identitárias, territoriais, de distribuição de poder, de liberdade de expressão e preconceito, por exemplo.

Com esse conceito em mente, é necessária uma introdução ao território e história de Oz, para que assim possa ser discutido seu sistema político no decorrer do artigo. A terra de Oz é dividida em sete grandes províncias: Gilikin, Glikkus e Ugabu, ao norte, nordeste e noroeste, respectivamente; Vinkus, a oeste; Província de Quadling, ao sul; e Munchkinlândia, a leste. Por fim, ao centro de tudo, encontra-se a Cidade das Esmeraldas, uma espécie de “capital” para esse país fictício. Abaixo, há uma imagem para melhor ilustrar as fronteiras de cada província e sua disposição perante à Cidade das Esmeraldas.



Pouco se fala no enredo sobre a terra de Oz antes do reinado do mágico, entretanto, em alguns diálogos, é mencionado o nome Ozma. Em particular, logo no início da obra, quando Elfaba ainda é criança, há um diálogo entre Melena, Frex, mãe e pai de Elfaba, Coração de Tartaruga, o amigo do casal, e Babá, babá da criança, como o nome já denuncia. Enquanto jantam, os personagens buscam explicar mais sobre o território de Oz para Coração de Tartaruga, que vem da Província de Quadling e sabe pouco sobre o resto das regiões. É teorizado que, bem

antes do reinado do mágico, Lurline, a Rainha das Fadas, passou sobre desertos de areia que futuramente seriam a terra de Oz. Prevendo que o local seria próspero, a rainha deixou sua filha, Ozma, para governar o país em sua ausência e prometeu voltar no momento mais sombrio. Após isso, é mencionado que Ozma possui a capacidade de renascer como uma fênix, e que já se passaram três séculos de Ozmas diferentes, com seus respectivos títulos. Entretanto, a teoria da origem do país é um tanto discutida entre a população, por questões religiosas, que serão abordadas mais à frente.

Também é mencionado, nesse mesmo diálogo, que quem reina a terra de Oz é na verdade o pai da Ozma mais recente, a criança chamada Ozma Tippetarius. No entanto, dezesseis anos depois, o Mágico chega em seu balão e toma o poder das mãos do Rei de Ozma, então reinando todo o país. Não é especificado como exatamente isso ocorreu e, visto que a linha do tempo e o enredo são entrelaçados com a vida e o cotidiano de Elfaba, é possível saber apenas aquilo que personagens próximos a ela mencionam em diálogos, ou o que ela obteve de conhecimento.

2. O Mágico como Ditador

O governo do Mágico é um dos principais pilares da obra, visto que trata-se tanto da ambientação política quanto de um eixo principal para a continuidade da narrativa. Ao decorrer da história, é possível identificar tal governo como um regime ditatorial que busca a exterminação de um povo seletivo para o bem de toda a nação. Se tudo isso soa similar a um regime totalitário que foi eleito em 1933, na Alemanha do mundo real, não é um engano. O reinado do Mágico foi escrito para ser propositalmente assim, como um objeto de estudo para análise linguística e comunicacional inspirado em regimes totalitários reais. O próprio autor, Gregory Maguire, confirma essa afirmação, em entrevista com o jornalista Robin Usher, que depois escreveu a publicação “Those Wicked Ways” para o jornal australiano The Age, publicada no dia primeiro de maio de 2008.

Tenho sido pacifista a minha vida inteira, mas minhas convicções profundamente enraizadas foram abaladas por palavras como “fascista” e “Hitler” usadas para descrever Saddam. Fiquei chocado com essa “derrapada” mental e decidi examinar a linguagem e a propaganda utilizadas para mobilizar a força bruta contra indivíduos ou minorias que pudessem se opor à guerra. Escolhi Wicked para explorar temas de moralidade pessoal e política e, depois disso, como romance, ele ganhou um impulso próprio. (Those Wicked Ways, The age, 2008)³

Apesar do autor não realizar referências diretas a Hitler ou ao movimento nazista especificamente em sua obra, o Mágico e seu governo ainda possuem características de um

³ Original: I have been a pacifist my whole life but my deeply held convictions were swayed by words like fascist and Hitler in describing Saddam. I was dismayed by my brain melt and set out to examine the language and propaganda used to marshal brute force against individuals or minorities that might have been opposed to the war. I settled on Wicked to explore themes of personal and political morality and then, as a novel, it had a snowballing momentum of its own. (Those Wicked Ways, The age, 2008)

regime ditatorial, com a principal delas sendo a discriminação contra os Animais. Entretanto, antes de elaborar mais sobre essa questão – que terá seu próprio tópico mais abaixo no artigo – serão apontadas outras características na narrativa que apoiam esta argumentação.

Há uma outra questão abordada na obra que salienta a inspiração do autor em regimes totalitários: as Expedições na Província Quadling. Em Oz, o povo de Quadling é visto por todos os outros personagens com um ar de inferioridade. São feitos diversos comentários sobre a índole e o intelecto desses indivíduos, todos baseados em um imaginário popular de que os quadlings são “dissimulados e incapazes de dizer a verdade”. Uma evidência disso está em uma canção de ninar que Babá canta para Melená.

Meninos estudam, meninas nascem sabendo,
E com essas lições vão crescendo.
Meninos aprendem, meninas esquecem,
E com essas lições permanecem.
Gillikins são espertos demais,
Munchkins têm vidas banais,
Glikkus batem nas esposas feias,
Winkies formam enxames em colmeias pegajosas.
Mas os quadlings, ah, que povo é este,
Idiota, viscoso e herege como a peste,
A comer os jovens e aos velhos enterrar
Um dia antes que o corpo possa esfriar.
Dê-me uma maçã e digo tudo de novo. (Wicked, 2016, p. 75).

Essa canção de ninar exemplifica a série de estereótipos estabelecidos sobre todos os povos da terra de Oz. É possível argumentar que os quadlings são inferiorizados até em um nível gramatical, visto que todas as outras identidades são escritas com a primeira letra maiúscula, enquanto o termo “quadling” é escrito, em todas as instâncias, com todas as letras minúsculas. Apesar de todo o preconceito em volta desse povo, é mencionado que esses indivíduos possuem morais pacifistas, que acabam sendo exploradas pelos regimes políticos de Oz, antes e depois da chegada do Mágico. Isso porque a Província Quadling possui algo de valor: depósitos de rubi debaixo de suas terras. É dito, na obra, que esses depósitos de rubis são descobertos por construtores da Estrada de Tijolos Amarelos, ainda no reinado do Rei Ozma. O povo quadling, entretanto, já estava ciente da existência dos rubis, e acreditavam ser o sangue de Oz. É mencionado que os quadlings tentaram negociar com os trabalhadores da Cidade das Esmeraldas inúmeras vezes, alegando que suas terras eram delicadas. Através de um diálogo entre Coração de Tartaruga e Frex, descobre-se que, em uma cidade da Província Quadling, Ovvels, as construções e plantações são completamente estruturadas entre as árvores, por meio de cordas e outras estruturas. O próprio Coração de Tartaruga tem consciência das condições da Província Quadling, ao afirmar que é uma província pobre, porém rica em beleza. Apesar de tudo isso, o imaginário público de Oz ainda insiste em pintar os quadlings como um povo inferior em todos os aspectos: socialmente, intelectualmente, religiosamente.

As expedições para a extração desses rubis tiveram início no reinado do Rei Ozma, entretanto, foram intensificadas no governo do Mágico, após tomar posse de Oz. As morais pacifistas dos quadlings, como mencionadas acima, são exploradas para que haja mínima resistência às violências exercidas sobre suas terras. É mencionado, mais tarde na obra, que os quadlings passam a ser perseguidos e mortos por forças do governo, como criminosos políticos.

[...] Enquanto isso, os Homens do Mágico começaram a drenar o pântano para chegar aos depósitos de rubi. [...] Eles deram um jeito de perseguir os quadlings e matá-los, encurralá-los em campos de concentração para sua própria proteção e matá-los de fome. Eles saquearam a terra, juntaram os rubis e foram embora. (Wicked, 2016, p. 190).

Esses “Homens do Mágico” são, na verdade, uma espécie de polícia política do Mágico, chamada de “Força Gale”. Essa polícia tem como objetivo estabelecer a ordem nas terras de Oz e garantir que toda conspiração contra o Mágico seja punida. Não é surpreendente que, dentre os principais alvos, os Animais sejam o foco desses indivíduos. Dadas as características, seria possível classificar a Força Gale como uma ferramenta governamental para censura e contra-espionagem. Características essas que são compartilhadas com outras polícias políticas na história humana.

Outro paralelo do governo do Mágico com o mundo real, e este é explícito, é a menção a Política do Big Stick, ou Big Stick Policy, em inglês. Trata-se de uma estratégia política estabelecida nos Estados Unidos pelo presidente Theodore Roosevelt, na década de 1910, que utilizava do slogan “Fale com suavidade e carregue uma vara grande”. Essa estratégia era utilizada principalmente para questões políticas internacionais, e funcionava a partir dos seguintes princípios: buscar uma negociação pacífica e sem blefes, entretanto, caso isso não fosse possível, estar preparado para atacar e, para isso, era necessário possuir grande força militar. O objetivo era estabelecer uma ameaça clara com o “Big Stick”, para garantir que as negociações fossem pacíficas e, muitas vezes, benéficas para os Estados Unidos. Na obra, o slogan de Roosevelt é mencionado, palavra por palavra, para se referir às ferramentas políticas do governo do Mágico.

2.1. A Influência Religiosa

Outro aspecto que é constantemente abordado no enredo de “Wicked” é a religião. Na terra de Oz, há três religiões principais: Unionismo, uma fé monoteísta e com características similares à fé cristã; a fé no prazer, que, como o nome já diz, é uma crença que tem como principal objetivo o prazer acima de tudo, e às vezes mais se assemelha a uma filosofia de vida do que uma religião estruturada em si; e Lurlinismo, uma fé pagã relacionada à Ozma.

A teoria sobre a origem de Oz, mencionada no início do artigo, é de origem lurlinista, logo, sua legitimidade é amplamente discutida entre a população. No enredo, o Lurlinismo aparenta ser praticado por pessoas mais velhas, que puderam experienciar Oz muito tempo antes

do Mágico tomar o poder, enquanto ainda havia uma Ozma governando. Uma das principais personagens da trama, Babá, acredita fielmente nessa religião e, ao longo da obra, é indiferente, e às vezes até desdenhosa, de outras religiões. Não é mencionado no enredo, entretanto pode-se teorizar que o Lurlinismo tenha sido criado como uma maneira de legitimar o reinado de Ozma e seus descendentes e, pelo fato das personagens mais velhas terem vivido mais nesse modelo de governo do que no do Mágico, acabam se tornando mais fiéis à essa crença.

O Unionismo, por sua vez, tem como principal divindade o Deus Inominável, e possui visões similares à fé cristã, no mundo real. Trata-se da principal religião praticada em Oz, com igrejas estruturadas e pastores estabelecidos, um deles sendo Frexpar, pai de Elfaba. Dentre as principais características, é esperado que os pastores unionistas não se permitam satisfazer em posses mundanas, como bens de luxo, comida em fartura e relações íntimas. Desse modo, eles adotam um estilo de vida missionário, peregrinando entre cidades com o objetivo de pregar a palavra do Deus Inominável, além de lutar contra outras crenças, como a fé no prazer e o Lurlinismo. É uma religião baseada na humildade e, em certas situações, na culpa. Praticantes dessa fé desaprovam quaisquer outras crenças, invalidando tudo que não é relacionado ao Unionismo, principalmente a fé do prazer.

Esta crença, por sua vez, tem como principal dogma o prazer a todo custo. Seus seguidores se esforçam para atingir o prazer máximo, de todas as formas possíveis, e acreditam que a magia possui o poder de realizar qualquer desejo. Consequentemente, a fé do prazer é muito associada a práticas de feitiçaria e magia, algo desdenhado por unionistas. Além disso, a fé no prazer não possui um deus ou entidade estabelecida, se aproximando mais a uma filosofia de vida, que valoriza a teatralidade, o espetáculo e a epifania.

Essas crenças possuem um papel relevante no sistema político de Oz, estabelecendo relações de poder entre um tipo de governo e outro. Um exemplo claro disso é a situação em Munchkinlândia durante o regime de Nessarose, irmã de Elfaba. Após a morte do Eminente Thropp, avô das garotas, Elfaba, como a filha primogênita, é estabelecida como a próxima governante de Munchkinlândia por direito. Entretanto, como ela se encontrava foragida de Oz, Nessarose assumiu o cargo em seu lugar e, no processo, transformou o território em uma espécie de teocracia Unionista. Ademais, após uma série de questões envolvendo a província, com uma das principais delas sendo a alta taxação de produtos agrícolas por parte da Cidade das Esmeraldas, Nessarose escreve uma carta diretamente para o Mágico, contendo desejos separacionistas, e estabelece o Estado Livre de Munchkinlândia.

Essa separação não veio sem conflitos, tanto internos quanto externos. Afinal, Munchkinlândia é uma espécie de *belt* agrícola para Oz, fornecendo diversas commodities, principalmente o milho. Além disso, Nessarose não possuía a melhor reputação em seu próprio

território, sendo muitas vezes referida como uma tirana, e até ganhando o apelido de “Bruxa Má do Leste”, e utilizava de sua religião como maneira de influenciar seu povo. Apesar de unionista, ela praticava magia e concedia bênçãos aos moradores, porém sempre associando isso a sua fé, como uma espécie de milagre do Deus Inominável.

O tema “religião” como um todo, ao longo do enredo de *Wicked*, parece ser utilizado como uma ferramenta narrativa para trazer à tona questões políticas e identitárias. Cada religião parece ser construída a partir de narrativas claras e objetivas que servem para justificar morais distintas: o Unionismo, com a necessidade do controle dos corpos, identidades e vontades de seus seguidores; o Lurlinismo, com a missão de justificar um sistema de poder específico, uma única família capaz de governar Oz; e a fé do prazer, com suas características hedonistas e a busca por alienação total através do prazer. Em toda a obra, Maguire parece ter criado essas religiões, propositalmente opostas, para ilustrar como diferentes crenças e filosofias de vida podem alterar não só a vida de um indivíduo, mas também todo um modelo sistêmico de sociedade.

Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluímos ou excluímos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar. (Análise Crítica da Narrativa, 2013, p.18-19)

3. A Resistência

3.1. Elfaba como Inimiga da Nação

Elfaba é uma das principais ferramentas narrativas da obra. É sua perspectiva que se encontra nos parágrafos, nas páginas, ainda que não seja exatamente ela quem está narrando. Há um narrador em terceira pessoa, porém ele não é onipresente e muito menos onisciente. Prova disso é que o leitor sabe apenas as coisas que Elfaba sabe ou assume que sabe, e isso é um fato essencial para entender sua construção de personagem, além da construção do enredo todo. Toda a cronologia da obra é baseada no tempo de vida da Elfaba, desde pouco antes de seu nascimento até sua morte. A bruxa, como protagonista, representa tudo que Maguire busca entender ao escrever *Wicked*: a origem do mal; é possível uma pessoa ser intrinsecamente má? Ou será que o ambiente em que vive e as ações que exerce é o que a torna má?

Sob um ponto de vista narrativo, Elfaba também possui outra “função” como protagonista: ser destoante, se destacar de todos os outros no enredo. Maguire utiliza da aparência clássica da Bruxa Má do Oeste original, em especial de sua pele verde, para evidenciar esse contraste. Entretanto, ele vai além de aspectos físicos. As crenças e convicções de Elfaba também são

drasticamente diferentes da maioria, e esse conjunto de características, sua aparência e sua moral, fazem com que ela seja taxada de rebelde e, mais adiante na obra, como a Bruxa Má do Oeste.

Essa rebeldia se dá principalmente no período em que Elfaba está na universidade de Shiz. É nesse período em que ela desenvolve pensamento crítico, além de noções políticas e identitárias. Essas características são ainda mais intensificadas pelo convívio entre ela e o doutor Dillamond, um Bode e professor de Ciências Naturais na universidade. No enredo, o Bode exerce o papel de um mentor, de certo modo, para Elfaba, principalmente após a bruxa se aprofundar ainda mais nos estudos das ciências naturais. Juntos, ambos buscavam evidências das similaridades entre Animais e humanos, tanto científicas quanto, em alguns momentos, religiosas, na esperança de levá-las ao Mágico, com o objetivo de combater o preconceito contra Animais e, conseqüentemente, reverter as iniciativas políticas contra esses indivíduos.

No entanto, suas convicções se intensificaram ainda mais após o assassinato de doutor Dillamond. Na obra, o professor é morto por um corte em sua garganta, e o assassino é o robô mordomo de Madame Morrorosa, Grommetick. Elfaba vê o corpo do doutor Dillamond, parcialmente coberto por um pano branco, na manhã seguinte, em uma investigação da polícia. Pode-se dizer que é a partir desse momento em que a perspectiva da bruxa muda para sempre.

Após o ocorrido, outro professor de Ciências Naturais é admitido em Shiz, um que é mais alinhado às visões do Mágico, chamado Dr. Nikdik. Em uma de suas aulas, o professor propõe a realização de um experimento com um filhote de leão, com o objetivo de descobrir a origem dos Animais. Nikdik levanta o questionamento sobre a origem da fera, se, mesmo filhote, antes de conseguir dominar a linguagem, e sem saber a origem da mãe, o leão pode ser considerado um Animal. Para além disso, o estudo parece ter outros motivos por trás, evidenciado por uma fala específica do professor.

Agora vocês acham que, se pudéssemos cauterizar a parte do cérebro que desenvolve a linguagem, conseguiríamos eliminar a noção de dor e, assim, a própria existência? Testes preliminares realizados neste leãozinho mostraram resultados interessantes. (Wicked, 2016, p. 206)

Através dessa fala, é possível identificar as implicações políticas por trás do experimento: se é possível determinar a origem dos Animais e, conseqüentemente, revertê-la, retirando a capacidade da fala e o domínio da linguagem e, por fim, abdicar esses indivíduos de seus direitos, modificando sua própria existência.

Após um tempo na universidade de Shiz, e como consequência dos acontecimentos vividos, Elfaba decide continuar os estudos do doutor Dillamond e apresentá-los ao Mágico, na esperança de que ele possa reverter a situação. Entretanto, quando presencia em primeira mão a

cumplicidade e as iniciativas dele referente a essa questão, a garota decide tomar ações independentes, e se torna membro de um grupo de Animais a favor da resistência.

Mais a frente no enredo, esse grupo é identificado como uma célula terrorista, com Elfaba realizando até uma tentativa de assassinato contra Madame Morrorosa, que acaba falhando. A veiculação da jovem com essa célula é utilizada pelo Mágico e seu governo a favor das afirmações contra os Animais, resultando em políticas ainda mais rigorosas. Além disso, Elfaba passa a ser tratada como uma inimiga da nação, resultando nela recebendo seu título de “Bruxa Má do Oeste”. Esse título, assim como a propaganda realizada sobre a bruxa e os Animais, faz parte de uma tática de dramatização da política, que tem como objetivo instigar emoções específicas através do discurso político, além de outras ferramentas. Essa tática é utilizada, principalmente, por regimes ditatoriais, através de uma emoção específica e poderosa: o medo.

Uma das principais emoções mobilizadas pela política, o medo é geralmente utilizado, no discurso político, como uma espécie de aviso sobre o que pode acontecer caso uma determinada ação não se concretize. Uma das principais estratégias de polarização política é apresentar o adversário não como alguém com quem apenas não se concorda, mas, sobretudo, como uma pessoa da qual devemos ter medo. (Política, Cultura Pop & Entretenimento, 2022, p. 107)

Ao analisar mais a fundo os elementos narrativos em volta da imagem de Elfaba, é notável também uma possível alegoria ao racismo. Ao longo de toda a obra, são feitos inúmeros comentários negativos sobre o tom de pele verde da bruxa. Desde insultos explícitos, até comentários que poderiam ser caracterizados como micro agressões, Elfaba é discriminada e diminuída pela cor de sua pele. Além disso, como mencionado acima, a bruxa passa a ser temida em um ponto da narrativa, e seu tom de pele continua a ser um dos principais fatores para instigar medo nas pessoas. Todas essas características são ferramentas que, historicamente, foram utilizadas contra a população preta e parda, com o objetivo de diminuí-los, colocá-los em uma posição de marginalidade e, como consequência final, desumanizá-los.

3.2. Animais ou animais?

Enfim, chega-se a hora de discorrer sobre a grande questão de toda a obra: os Animais. Para oferecer um contexto inicial, caso ainda haja dúvidas que não foram sanadas anteriormente, em *Wicked*, há dois tipos de animais como são conhecidos no mundo real: os animais, com “a” minúsculo, que são idênticos aos da vida real, não falam ou pensam e, mais importante, não possuem uma consciência similar à de um humano; e os Animais, com “A” maiúsculo, que são um grupo minoritário de animais falantes, que já dominam a arte da linguagem, retórica e sintaxe, além de possuírem uma consciência similar à humana, provida de pensamento crítico, morais

estabelecidas, desejos e arrependimentos. Em Oz, esses Animais são indivíduos completamente integrados na sociedade, convivendo normalmente com humanos e realizando ofícios similares, como é possível identificar através de personagens como doutor Dillamond, que atuava como professor na universidade de Shiz. No entanto, sob o governo do Mágico, os direitos dessa população são questionados, e eles são culpados por um grande acontecimento em Oz: a Grande Seca.

Há uma clara relação de opressão entre o governo do Mágico e os Animais, intensificada por meio de diversas estratégias políticas. É possível argumentar que essa opressão, esse preconceito, começa logo na estrutura gramatical e fonética do termo “Animais”, visto que há uma diferenciação apenas quando escrito no papel. Na oralidade, ambos os termos, com a letra maiúscula ou minúscula, possuem a mesma pronúncia e sonoridade, o que resulta em uma aproximação dos Animais aos animais, intensificando ainda mais a condição de inferioridade aplicada sobre eles por parte da população de Oz.

Além disso, como já foi estabelecido anteriormente, o medo e o ódio são emoções constantemente utilizadas em estratégias políticas contra um grupo específico, que, muitas vezes constitui uma minoria fragilizada. É possível, dizer que esse preconceito contra os animais é uma alegoria à xenofobia e, dependendo da interpretação, traçar um paralelo entre a situação desses indivíduos e a perseguição que a população judaica alemã sofreu na Segunda Guerra Mundial. Essa tática, do ódio cego contra um inimigo em comum, é comumente utilizada em governos totalitários e/ou ditatoriais com o objetivo de criar uma relação de fidelidade entre seus seguidores, além de contribuir cada vez mais com a alienação desses mesmos indivíduos.

A relação de amor e fidelidade ao grupo ao qual se pertence só pode ser equilibrada por uma de ódio em relação a outras pessoas. O ódio ao outro, compartilhado pelos participantes, é um dos elementos para manter a integração – o amor às pessoas internas do grupo só parece existir se houver um sentimento de ódio, na mesma proporção, aos indivíduos que não pertencem a ele. Escolhe-se um grupo como “inimigo” e atribui-se a ele todas as qualidades negativas, a culpa por todos os problemas. (Política, Cultura Pop & Entretenimento, 2022, p. 248-249)

Há uma cena específica na obra que é essencial para entender a situação política em que os Animais de Oz se encontram, além de exemplificar como a arte e o entretenimento podem servir como maneiras de fazer política, ambos lado a lado, com o objetivo de influenciar a massa para um comportamento ou outro. Trata-se do momento em que Madame Morrorosa organiza um sarau de poesia para os alunos e professores de Shiz e, em meio às apresentações, decide recitar um poema que acaba com o seguinte verso: Animais devem ser vistos e não ouvidos. Essa frase

específica faz parte de uma estratégia de propaganda política, com o objetivo de, através de uma declaração curta e objetiva, influenciar uma massa populacional para um pensamento específico.

Os poucos *slogans*, propostas ou palavras são repetidos à exaustão, ainda que seu significado nem sempre seja bem definido. Um pequeno conjunto de ideias, sintetizadas nesses materiais, é incessantemente repetido, de maneira a ser conhecido e memorizado. Para facilitar essa assimilação, a propaganda autoritária deixa de lado qualquer sutileza ou nuance: o mundo é representado a partir de estereótipos, usados para classificar rapidamente pessoas e situações. (Política, Cultura Pop & Entretenimento, 2022, p. 249)

Após esse sarau, há um momento em uma das aulas do doutor Dillamond onde o professor levanta questionamentos sobre o poema da diretora, visto que haviam sido implementadas Proibições Contra a Mobilidade Animal, políticas que revogaram os direitos dos Animais ao transporte, alojamento e até o direito de trabalhar e estudar. Em outro momento, no meio de uma palestra de Madame Morrorosa sobre Hinos Antigos e Panegíricos Pagãos, Elfaba resgata a discussão sobre o poema recitado pela diretora, a questionando sobre o último verso, argumentando que algumas pessoas acharam de gosto duvidoso, principalmente doutor Dillamond. A resposta da diretora foi a seguinte:

O infeliz doutor Dillamond é um médico. Ele não é um poeta. É também um Bode, e eu gostaria de perguntar às meninas se algum dia houve um Bode que fosse grande sonetista baladista? Ai, querida senhorita Elfaba, o doutor Dillamond não entende a convenção poética da ironia.

É possível identificar as micro agressões nessa fala da Madame Morrorosa, ao mencionar especialmente que o doutor Dillamond é um Bode, e que não há nenhum Bode que é lembrado por ser um grande sonetista. Através de todo o discurso, a diretora diminui a imagem do professor, além de minimizar sua inteligência e interpretação, ao mencionar que ele não entenderia a concepção de ironia na poesia.

Para além disso, é possível identificar, ao longo de toda a narrativa, a constante discriminação contra os Animais, por parte do governo do Mágico e da sociedade, resultando, em um ponto, a perseguição explícita desses indivíduos. Essa perseguição passa a ser tão severa que os Animais começam a se recusar a falar e passam a agir como animais comuns, com medo de retaliação e, em casos, até morte. Aqueles que não fazem parte de grupos extremistas, ou que não vivem escondidos, em constante fuga na Cidade das Esmeraldas, acabam cedendo à opressão.

Considerações Finais

Como foi destacado neste artigo, *Wicked* é muito mais que uma simples obra de fantasia ou entretenimento. O livro foi pensado e escrito com o objetivo de ser um produto de análise sobre modelos de regimes políticos e suas propagandas, assim como a forma em que esses modelos são instaurados na sociedade, e quais os efeitos deles nos indivíduos, tanto em um nível pessoal, identitário, quanto em um nível coletivo e estrutural.

Através do governo do Mágico, é possível identificar como governos ditatoriais se beneficiam e abusam da estrutura de poder instalada por eles, além de utilizarem diversas ferramentas políticas com objetivo de manter um sistema de submissão e alienação social. Além disso, pode-se também analisar como certos meios de comunicação são utilizados para beneficiar esse sistema, como visto no período em que Elfaba frequenta a universidade de Shiz, no qual há uma série de instâncias em que personagens, normalmente figuras de autoridade como professores e diretores, utilizam do espaço para propagar ideologias e pensamentos de maneira estratégica, muitas vezes os disfarçando como conteúdo acadêmico.

Ademais, sob um ponto de vista narrativo, pode-se estudar o papel de Elfaba como protagonista, e identificar características que a destoam do resto dos personagens, argumentando que, em certas ocasiões, sua voz, seus pensamentos e sua consciência servem como um contraponto para o leitor, frente a todo o sistema político ditatorial imposto em Oz. Pode-se dizer, ainda, que essa estrutura narrativa é feita de maneira proposital, ao incluir uma narradora não-confiável, que em um ponto se torna a “vilã” da história, a depender da interpretação, com o objetivo de incentivar o pensamento crítico do leitor, o forçando a utilizar de seu próprio juízo de valor para decidir se as atitudes de Elfaba são certas ou erradas. A estruturação da bruxa como uma personagem moralmente ambígua faz parte de uma estratégia para instigar questionamentos e reflexões.

Por fim, é notório que *Wicked* não se trata apenas de uma mídia de puro entretenimento. Para além disso, é possível argumentar que nenhuma mídia é apenas uma coisa ou outra: entretenimento ou política. Através desta análise, levanta-se a discussão de que, na verdade, todo e qualquer produto tem uma conotação política, visto que todo e qualquer produto, ou mídia, é realizado por um indivíduo com vieses políticos, vivências sociais, valores de moral, questões identitárias e visões de mundo distintas. Luiz Gonzaga Motta afirma que “Quem narra tem sempre um propósito: nenhuma narrativa é ingênua, neutra, imparcial; toda narrativa é argumentativa”. Desse modo, também pode-se dizer que toda narrativa é, de certo modo, política.

O entretenimento, há muito tempo, é um espaço de construção e veiculação de opinião política. [...] O entretenimento, longe de ser apenas diversão, é uma das maneiras mais importantes de construir identidades individuais e coletivas. (Política, Cultura Pop & Entretenimento, 2022, p. 41-45)

Referências

MAGUIRE, Gregory. **Wicked**: A História Não Contada das Bruxas de Oz. São Paulo, SP: Leya, 2016. 409 p.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Política, cultura pop & entretenimento**: o improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea. Porto Alegre, RS: Sulina, 2022. 386 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 2013. 254 p.

REES, Laurence. **Vende-se política**. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 1995. 223 p.

THE Wicked Book is Crazier (and Smarter) Than You Think. 1 vídeo (28 minutos). Publicado pelo canal Roughest Drafts, 2025. Disponível em: https://youtu.be/Ng1OkfcMQTA?si=EPzeGbH5SL_NBSvk. Acesso em: 6 jan. 2025.

EXPLORING the Politics of ‘Wicked’. 1 vídeo (50 minutos). Publicado pelo canal Staged Right, 2019. Disponível em: https://youtu.be/c_NjQonmX8M?si=-g13KgP4xKe6iVdP. Acesso em: 6 jan. 2025.